

# O Engenheiro Eusébio Stevaux e a Arquitetura Oficial Paulista, 1877-1885

**Eudes Campos**

*Aluno de doutorado – FAUUSP*

## **Resumo**

Nesse artigo procura-se recuperar a figura e a obra de um engenheiro francês atuante na capital no último terço do século passado. Antes de Ramos de Azevedo, foi ele quem dominou completamente, durante certo lapso de tempo, a arquitetura oficial executada na cidade de São Paulo, chegando a atingir, sob esse ponto de vista, a condição de precursor do famoso engenheiro paulista.

## **Abstract**

This article aims to recover the figure and work of a French engineer who worked in the city of São Paulo in the last thirty years of the last century. Before Ramos de Azevedo, it was him who completely dominated, for a certain period of time, the official architecture implemented in the city of São Paulo, reaching from this point of view the condition of precursor of the famous paulista engineer.

## Introdução

O lançamento do livro *Ramos de Azevedo e seu escritório*, de autoria do professor Carlos Lemos, no final de 1993, dá ensejo que focalizemos aqui um personagem que bem merece a qualificação de precursor daquele notável engenheiro-arquiteto.

Baseando-se num de nossos trabalhos programados, apresentados no curso de pós-graduação, elaborado em janeiro de 1992, procuraremos resgatar nas páginas seguintes a figura de um profissional com a qual deverá ser preenchido um inexplicável vazio na historiografia do ecletismo em São Paulo.

Hoje já se pode avaliar com bastante acuidade o que representou a vinda de Ramos de Azevedo para o desenvolvimento da arquitetura paulistana, mas quase nada se sabe acerca das circunstâncias que precederam a sua chegada. Dos simples mestres-de-obras saltamos para os conhecidos engenheiros dos últimos anos do século passado – entre eles Ramos de Azevedo –, profissionais que se mostraram extremamente hábeis na criação dos cenários ideais para que as classes dirigentes de então representassem o seu papel histórico. Porém, como veremos neste texto, entre 1877 e 1885 ascendeu Eusébio Stevaux à condição inédita, embora tácita, de arquiteto oficial do governo paulista, inaugurando uma fase que poderíamos denominar pré-azevediana, durante a qual o engenheiro elaborou projetos de reforma e de reconstrução de importantes edifícios públicos provinciais localizados na capital.

Estaremos, portanto, privilegiando aqui a atividades profissional do engenheiro Stevaux dedicada à arquitetura, mais especificamente, à arquitetura oficial. Na verdade, pertencem a essa modalidade as obras de Stevaux mais admiradas por seus contemporâneos, e até aqui conhecidas por gerações recentes, que, mesmo ignorando o seu nome ou qualquer fato ligado a sua pessoa, habituaram-se às imagens dos edifícios públicos que concebeu, sempre presentes em antigas fotografias paulistanas relativas a certo período da história da cidade, aquele situado entre 1880 e 1950.

Lamentavelmente ignora-se quase tudo sobre sua produção arquitetônica dedicada a outros gêneros. Suas obras caíram no esquecimento e, com certeza, nenhuma delas chegou aos nossos dias.

## A Situação da Arquitetura na São Paulo de 1870

Até meados da década de 1870, os engenheiros atuantes na cidade de São Paulo raramente se dedicavam à elaboração de projetos arquitetônicos, e se o faziam era em atendimento às poucas solicitações do governo provincial e da Câmara Municipal de São Paulo. Executavam, então, em geral, plantas baixas de construções de caráter utilitário, que seriam depois erguidas pelos empreiteiros de obras públicas. Os escassos projetos de edifícios oficiais, quando ocorreram, não alteravam a rotina desse tipo de trabalho: os planos reduziam-se ao mínimo; os profissionais, por indiferença, eram deixados no anonimato e as obras realizadas resultavam do ponto de vista estético, é preciso que se diga, bem pouco atraentes.

Quanto à arquitetura civil, até a mesma época, ao que tudo indica, dela se encarregavam os tradicionais mestres-de-obras, que costumavam arrogar-se o título de arquiteto por se terem especializado na construção civil. De fato, os

engenheiros estavam mais interessados nas variedades de engenharia que então começavam a prosperar no Brasil: a ferroviária, a hidráulica, a sanitária, a civil, etc. Diante desses campos promissores e pouco explorados a arquitetura e a construção civil não ofereciam desafios.

Contudo, na capital paulista, essa situação já começa a se alterar no segundo lustro daquela década: Glette vem da corte e Puttkammer projeta para ele a sede de um luxuoso hotel (1876-1878), fato inédito que denuncia claramente que a vida e a mentalidade da cidade toma nova configuração, em consequência da cada vez mais próspera economia do café. São Paulo ingressa naquele instante no mundo capitalista; expande-se tanto econômico quanto fisicamente, tornando-se enfim o centro financeiro da província. Os fazendeiros transferem-se em levas para a capital e uma vez estabelecidos aí engajam-se em empreendimentos das mais variadas naturezas.

No decênio seguinte tudo evolui rapidamente. A sociedade burguesa, que se constituía, logo toma consciência do papel do arquiteto na nova conjuntura. Com o enriquecimento geral, as autoridades passam a se preocupar com a modernização da cidade de São Paulo. É necessário elevá-la à altura da florescente província da qual é capital. Deve-se implementar, portanto, o calçamento de ruas a paralelepípedo, o ajardinamento de praças, e, sobretudo, a reforma e a reconstrução de edifícios públicos, todos eles velhíssimas construções de taipa.

Para alcançar este último objetivo, o governo da província dispunha de engenheiros a seu serviço na Diretoria de Obras Públicas: o engenheiro militar Azevedo Marques, à testa do 1º distrito de Obras Públicas, que incluía a capital, e, a serviço da Câmara Municipal, o dr. Fernando de Albuquerque. Não recorreu a nenhum deles porém, preferiu convocar no Vale do Paraíba, em Guaratinguetá, um engenheiro francês, que sem dúvida já havia demonstrado suficientemente sua capacidade profissional: Eusébio Stevaux.

## Dados Biográficos Básicos

Marie François Eusèbe Stevaux nasceu em 14 de agosto de 1826, na cidade francesa de Allègre (Haute Loire), filho de Jules Modeste Stevaux e Marie Magdalaine Julie Stevaux<sup>1</sup>

Fez seus estudos superiores na Ecole des Ponts et Chaussées, em Paris, começando a trabalhar na estrada de ferro de Paris a Estrasburgo. Contratado para serviços de engenharia na Califórnia, partiu da França pelo Porto do Havre, embarcando com a mulher na galera Elisa. Depois de uma longa viagem, o navio chegou ao Rio de Janeiro, um dos portos de reabastecimento e reparos. Enquanto o casal se achava em terra, a galera que os transportava sofreu uma explosão e sossobrou (8 de fevereiro de 1851). Perdendo toda a sua bagagem e completamente desprovido de meios, Stevaux conseguiu ser contratado para trabalhar na abertura de um canal em Campos. Mais tarde voltou à cidade do Rio de Janeiro e participou da construção da estrada de ferro D. Pedro II. Depois prosseguiu carreira nas províncias do Rio, de Minas Gerais e de São Paulo, adotando a cidadania brasileira em 18 de maio de 1870. No ano seguinte, em São Paulo, assumiu os estudos preliminares da linha Sorocabana, no trecho de São Roque a Sorocaba. Nessa mesma ocasião adquiriu a fazenda de Pantojo, onde fundou um estabelecimento industrial e agrícola de grande valor. Dali passou a extrair cal hidráulica para a construção civil e, mais tarde, mármore de diferentes cores, que se tornaram muito apreciados.

(1) Os dados de caráter pessoal desta biografia tem como fonte mais antiga o diário da esposa do engenheiro, Léonie, escrito em 1889.

Em 1876, ou início de 1877, Stevaux passa a prestar serviços para a província. A nosso ver, inicia-se aí a fase mais relevante de sua carreira, pois, como procuraremos demonstrar adiante, graças ao prestígio que granjeou, teve oportunidade de renovar vários edifícios governamentais, numa época de grandes transformações na capital.

Após 9 anos de trabalhos públicos, mais ou menos, durante os quais desenvolveu projetos ligados à arquitetura oficial e a diversos ramos da engenharia, foi exonerado a pedido em 1885, retirando-se então para São Roque, onde se tornaria muito querido. Aí participou do Conselho de Intendência no período 1890-1892; eleito vereador chegou a ocupar o cargo de vice-presidente da Câmara Municipal. Projetou gratuitamente a rede de abastecimento de água daquela cidade entre 1891 e 1893 e recebeu justa homenagem dos cidadãos sanroquenses em 1894, quando na oportunidade lhe foi oferecido um retrato executado por Almeida Junior, que hoje faz parte do acervo da Pinacoteca do Estado. (Fig.1)

Faleceu em 21 de fevereiro de 1904, na casa da família localizada no largo de Guaianazes (hoje praça Princesa Isabel), em São Paulo.

Sua fazenda do Pantojo foi então posta a leilão por se achar hipotecada. Por volta de 1940, constatou-se que as renomadas jazidas de mármore se encontravam completamente inutilizadas, por terem sido tratadas de longa data à dinamite.

### Principais Obras e Atividades Comprovadas

Durante os anos que passou no serviço público da província de São Paulo, ocupou sucessivamente o cargo de engenheiro responsável pelo 2º distrito (Vale do Paraíba), pelo 5º distrito (região de Itu e Sorocaba), e pelo 1º distrito de Obras Públicas (capital e região circundante). Após a extinção dos distritos por ato governamental de 1884 continuou como engenheiro até o pedido de exoneração.

Mediante a consulta à documentação oficial, tanto manuscrita quanto impressa, foi-nos possível identificar seus principais trabalhos executados para a província – de natureza variada, refletem a versatilidade profissional dos engenheiros da chamada fase enciclopédica da engenharia: obras de abastecimento de água para a penitenciária e o jardim público (1879); relatório sobre o traçado do prolongamento da Paulista, passando pelo morro do Pelado (1879); plano de reconhecimento de um traçado para a estrada de Pindamonhangaba a Campos do Jordão (1881), trabalho em que auxiliou o inspetor geral de Obras Públicas; traçado de uma via pública unindo o Monumento do Ipiranga à capital (1885), projeto depois substituído por outro de autoria de Luís Pucci.

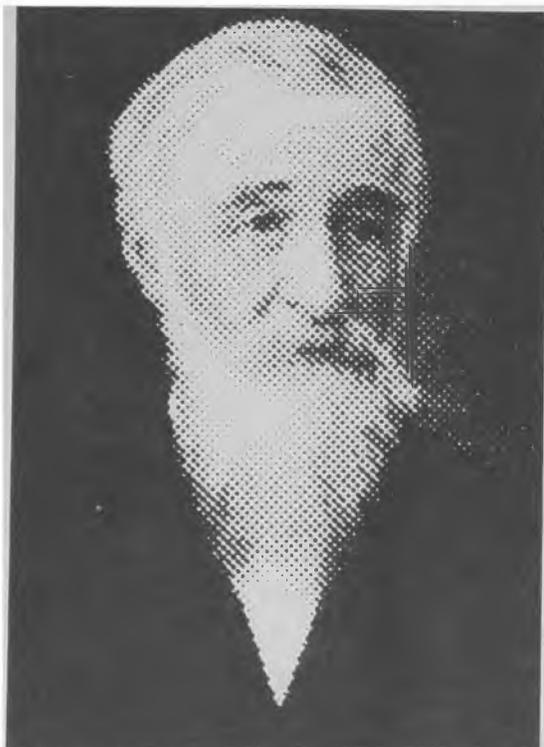
Na área da arquitetura oficial recuperamos comprovadamente o relevante projeto de reforma da Casa de Câmara e Cadeia da capital, transformando-a em Congresso Provincial (1877), o projeto da sede da Tesouraria de Fazenda (1881), construção iniciada e logo interrompida, e dois projetos de melhoramentos a serem introduzidos no edifício da Hospedaria dos Imigrantes, localizada no Bom Retiro (1882 a 1884).

Paralelamente à essa atividade de servidor público, realizou outros trabalhos, tais como o projeto da estrada de ferro de São Paulo a Mato Grosso, juntamente com o engenheiro França Leite (1879); os planos do *boulevard* do Chá, para o empresário e litógrafo Jules Martin (1880); o levantamento do terreno e o cálculo da força motriz da cachoeira Votorantim para estabelecimento de uma fábrica de

Figura 1

Retrato de Eusébio Stevaux (detalhe), pintado por Almeida Junior em 1894.

Fonte: SÃO PAULO (Estado). Pinacoteca do Estado. *Catálogo geral de obras*. São Paulo: IMESP, 1988.



tecidos (1883) e a carta da província de São Paulo, publicada por ele mesmo (1883). Foi professor do Liceu de Artes e Ofícios de 1882 a 1900, sócio-fundador do Instituto Politécnico de São Paulo (1876) e ainda vice-presidente do Clube Paulista de Engenharia e Indústria (1883).

Nos anos 80 possuía um escritório de engenharia na capital e é possível que tenha sido um dos primeiros profissionais a projetar e construir edifícios particulares na cidade, a partir de sua intervenção na Casa de Câmara e Cadeia realizada em 1877, ocasião em que deve ter chamado a atenção da elite paulistana. Infelizmente de toda a produção dedicada à arquitetura privada, só um exemplar sobreviveu na memória das gerações posteriores – trata-se da casa de chácara de Augusto de Sousa Queirós, já existente em 1881 e demolida na década de 30 para a construção do edifício Esther, situado na praça da República.

## Obras Atribuídas

Há ainda obras de maior importância executadas ao longo dos anos de 1880 que, em nossa opinião, devem ser imputadas a Stevaux. De fato, atribuímos a ele todas as intervenções em edifícios oficiais situados na capital, ocorridas entre os anos de 1877 e 1885. É impossível não reparar nas semelhanças de determinadas soluções arquitetônicas existentes no paço do Congresso Provincial (1877-1879), no Palácio do Governo (reconstruído entre 1881 e 1886), e na Faculdade de Direito (reformada externamente entre 1884 e 1885). Todas essas construções ostentam uma linguagem formal já francamente eclética, fundamentada em repertório de índole classicista, e são esteticamente, é forçoso confessá-lo, um tanto medíocres.

No Congresso Provincial, comprovadamente de Stevaux, observamos uma imitação desagradável dos *hôtels de ville* do Segundo Império Francês, mais precisamente, das *mairies* parisienses erguidas ao tempo de Haussmann, de acordo com a ordonância do Louvre de Lefuel, paradigma desde então internacionalmente aceito para edifícios públicos com fins administrativos e burocráticos. A cobertura tronco-piramidal recoberta de ardósia, que coroava o corpo central do congresso, conflitava estilisticamente com os rígidos frontões triangulares que rematavam os simulados pavilhões terminais, cujos tímpanos achavam-se decorados com arabescos de inspiração rococó. Esculturas alegóricas desproporcionalmente grandes, representando segundo Alfredo Moreira Pinto, a lei, a justiça, o comércio e a agricultura, assombravam as platibandas do edifício<sup>2</sup>. Essas falhas evidentes na concepção dos alçados, entretanto, não causaram aversão nos contemporâneos. Muito pelo contrário, o palácio parece ter sido entusiasticamente recebido como a primeira manifestação de legítima arquitetura em terras paulistanas (Fig. 2). Junius, de gosto arquitetônico apurado na corte onde já triunfava o ecletismo, alonga-se sobre esse prédio, atribuindo erroneamente a autoria do projeto ao engenheiro E. F. (Elias Fausto Pacheco Jordão, então inspetor geral de Obras Públicas), superior hierárquico do verdadeiro projetista<sup>3</sup>.

As circunstâncias que envolveram a reconstrução do palácio da Presidência da província nos induzem igualmente a atribuir sua idealização a Eusébio Stevaux.

Quando o presidente da província Laurindo Abelardo de Brito procurou reparar os estragos que as goteiras haviam provocado no Palácio do Governo, foi convencido pelo inspetor geral de Obras Públicas a não fazer maiores consertos. Não valia a pena. Aquela antiga construção jesuítica era indigna de figurar numa

(2) PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900*. Ed. fac-similar. São Paulo: Governo do Estado, 1979, p. 80.

(3) DINIZ, Firmo de Albuquerque (JUNIUS). *Notas de viagem*. São Paulo: Governo do Estado, 1978, p. 67.

capital tão auspiciosa quanto São Paulo. Seu sucessor, Florêncio de Abreu, cogitou em abater tão-somente a ala setecentista, perpendicular ao velho convento, porém, acabou adotando a idéia de reconstrução total, com aproveitamento apenas das partes internas mais recentes. A Tesouraria de Fazenda, repartição do governo central, alojada na ala setecentista arrasada, passaria para uma sede própria a ser erigida em posição diametralmente oposta à primitiva, no local em que um dia se havia situado o teatro da cidade e a Casa de Fundição.

Por ser o antigo convento jesuítico de propriedade nacional, o governo imperial concedeu para a sua reconstrução uma verba de pequena monta; os cofres provinciais também ajudaram financeiramente. Isso não impediu, no entanto, que tempos depois as obras fossem interrompidas por falta de recursos.

Para a construção da nova sede da Tesouraria de Fazenda (1881-1882), o ministério daquela pasta liberou módica quantia; críticas porém logo se fizeram ouvir em relação ao projeto. As instalações da nova sede foram consideradas modestas e insuficientes, sendo necessário "perder em parte a obra nova para completá-la, na proporção das necessidades"<sup>4</sup>. Imaginou-se então uma edificação mais grandiosa, composta de três blocos (duas alas laterais e um corpo central), mas a verdade é que as verbas para concretizar essa nova versão jamais chegaram.

Em 24 de maio de 1882, Stevaux, já na qualidade de chefe do 1º distrito de Obras Públicas, enviou ao presidente Soares Brandão, no impedimento do inspetor geral interino, as contas das despesas feitas com as obras do Palácio da Presidência, da Tesouraria de Fazenda e do largo do Colégio, referentes àquele ano, até 30 de abril. Aproveitou a oportunidade para descrever o estágio em que se encontravam as construções pelas quais era responsável desde que assumira o cargo de engenheiro-chefe do distrito, que incluía a capital. A Tesouraria, que segundo ele se erguia pela metade, conforme a resolução do antecessor do presidente da província (Moura e Costa), estava abandonada. A idéia de reduzir o projeto original (ao que parece o segundo projeto) era criticável, pois embora

(4) TRÊS RIOS, Conde de. Vice-Presidente. *Relatório dirigido à Assembléia Legislativa Provincial... e apresentado... pelo 4º vice-presidente... Moura e Costa*. Santos, Typ. do *Diário de Santos*, 1882, p. 36 a 38.



Palácio do Congresso Provincial (1877-1879).  
Fotógrafo desconhecido, c.1890.

Fonte: KOSSOY, Boris. *Álbum de photographias do Estado de São Paulo, 1892*. São Paulo: CBPO/Kosmos, 1984.

temporária “inutilisaria em grande parte o nobre movel que presidiu o seu empreendimento, qual o de dotar esta florescente Capital, de edificios públicos dignos della, em substituição [aos] que abrigavão as mais importantes repartições públicas”<sup>5</sup> A redução mostrava-se inclusive antieconômica, pois quando viesse a ser completada a construção seriam necessários grandes gastos: o telhado teria de ser completamente refeito; as esquadrias das janelas, na parte a ser ampliada, substituídas por portas, etc. Além de ter implicado essa redução em certos defeitos arquitetônicos àquela altura incorrigíveis, conseqüência das modificações introduzidas talvez sem consentimento do seu autor.

Vemos, assim, que a reconstrução do palácio governamental estava desde a origem vinculada ao projeto da nova sede da Tesouraria de Fazenda. Ponto essencial, pois, se desconhecemos o nome do autor do palácio, sabemos perfeitamente quem era o projetista da primeira versão da sede da Tesouraria (e certamente também da segunda), pelo auto de colocação da primeira pedra do edifício, transcrita por J. J. Ribeiro. Seu autor era o “engenheiro ao serviço da provincia Eusébio Stevaux, com aprovação do diretor da repartição do obras publicas engenheiro Antonio Candido Rodrigues”<sup>6</sup>

Portanto, nada mais plausível do que apontar Stevaux como autor do novo Palácio do Governo, o que ele explicaria as coincidências formais existentes entre este edifício e o do Congresso Provincial. No primeiro está presente o mesmo sincretismo ingênuo que justapõe o frontão de uma segura neoclássica, sobrepujando o pórtico central, a elementos em forma de tabernáculo que coroam os pavilhões das extremidades. Essas composições deveriam emoldurar mostradores de relógio, de acordo com o projeto primitivo conhecido por uma litografia realizada por Jules Martin (Fig. 3). Aliás, nessa estampa apareciam outros detalhes que não se executaram, tais como urnas e estátuas a ornamentar as platibandas.

A composição em forma de edícula ou tabernáculo era, ao que parece, uma das marcas registradas de Stevaux. Surgiu primeiramente no coroamento do corpo central do Congresso Provincial, a emoldurar um óculo que só muito mais tarde seria ocupado pelos mecanismos de um relógio (1889); o motivo decorativo neste caso era rematado por um frontão curvo de nítida influência da renascença francesa. Já no palácio do governo e na fachada reformada da Faculdade de Direito, aparecia uma variação desse tema. Nesses dois últimos edifícios, o

(5) DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO (DAESP). OBRAS PÚBLICAS. *Ordem 5.187. Ofício de Eusébio Stevaux ao presidente da provincia. 24 de maio de 1882.*

(6) RIBEIRO, José Jacintho. *Chronologia paulista*. São Paulo: Diário Oficial, 1898-1901. 2v. em 3. v.2, p.1, p. 447-448.



*Figura 3*

Projeto para o novo palácio da presidência da provincia de São Paulo, 1881. Litografia de Jules Martin.

Fonte: DIM, Arquivo de Negativos.

pequeno frontão curvo do tabernáculo havia sido substituído por uma cornija que acompanhava a forma circular do mostrador. Nos três casos, porém, os pares de pilastras estavam ladeados por volutas e as composições erigidas de pináculos. Esse tipo de arranjo ornamental seria corriqueiro nos tempos mais avançados do ecletismo, mas na São Paulo dos anos de 1880 constituíam exemplares únicos.

Acreditamos que o início atabalhado da sede da Tesouraria da Fazenda tenha sido o motivo que levou Stevaux a se transferir do 5º para o 1º distrito de Obras Públicas, pois nessa última posição poderia encarregar-se diretamente da execução de ambos os projetos, o do Palácio do Governo e o da Tesouraria. A partir de então (início de 1882 ao que se supõe) até 1885 ficaria responsável por todas as construções e reformas de edifícios provinciais na capital. Diante disso, nada mais lógico do que ver na reforma do decrépito convento franciscano, onde se alojava a Faculdade de Direito, mais uma vez o dedo de Eusébio Stevaux. (Fig. 4)

Outra característica do engenheiro francês presente nas obras governamentais executadas na capital é o emprego de mármore originários de sua fazenda do Pantojo (os mais notáveis eram o de cor preta, *drap mortuaire*, o verde, semelhante ao "verde antigo" ou ofiólito, e o preto com veios brancos, dito de Santana). Não só certas partes externas do Palácio da Presidência deveriam ter sido revestidas de mármore verde, como também a escadaria e o vestibulo desse edifício eram valorizados com material do Pantojo. Tem-se conhecimento ainda, pela documentação oficial hoje conservada no Arquivo do Estado, de que havia trabalhos de mármore nas obras da Tesouraria de Fazenda e, por antigas fotos, sabemos que a entrada principal do prédio da Faculdade de Direito estava ladeada por duas colunas jônicas cujos fustes, aparentemente, haviam sido executados em mármore, talvez do Pantojo.

Seguramente encontramos mais uma obra de Stevaux no fecho do jardim público, construído entre 1881 e 1883. Embora desconheçamos documentação iconográfica relativa à essa construção, temos dela descrição sumária: consistia num gradil de 166 metros de comprimento, dividido em lances por pilares de mármore verde do Pantojo. O acesso dava-se através de um suntuoso portão



Figura 4

Faculdade de Direito, reformada em 1884-1885.  
Gaensly & Lindermann, c.1898.

Fonte: KOSSOY. *Álbum de photographias do Estado de São Paulo*, 1892.

flanqueado por quatro grandes pilares de mármore verde e preto. Os elementos metálicos foram produzidos na fábrica de ferro de São João do Ipanema, ao passo que os mármore, tanto o verde quanto o preto, foram logicamente fornecidos por Stevaux.

O escritor e engenheiro Júlio Ribeiro, por sua vez, escrevendo nos últimos anos do Império (1888), externa uma opinião muito desfavorável a respeito dos prédios, antes admirados, de Eusébio Stevaux, refletindo assim um novo estágio cultural atingido pelas elites paulistanas. Ramos de Azevedo já se encontrava então em São Paulo e reconstruía a Tesouraria da Fazenda, após ter sido demolida a obra iniciada pelo engenheiro francês. Diz seu personagem Lenita de *A Carne* em carta a seu amante:

Gosto imenso da Tesouraria da Fazenda que está construindo Ramos de Azevedo: é um edifício que honra S. Paulo pela severidade e elegância de estilo [...] Quem viu o que ali estava... cruces!!! Para se aliviar o que era basta que se veja o atual Palácio do Governo, da mesma procedência. [...] Desmanchar a velha, a maciça, a histórica, a legendária construção dos jesuítas, para estender por ali fora aquele pardieiro medonho!<sup>7</sup>

Além de criticar asperamente as obras encetadas pelo governo da província nos últimos anos, este trecho comprova o que já havíamos deduzido, que o edifício inacabado da Tesouraria, anterior ao de Ramos de Azevedo (1886-1891), e o Palácio da Presidência, iniciado no tempo de Florêncio de Abreu, tinham a “mesma procedência” isto é, eram ambos de autoria do mesmo arquiteto, Eusébio Stevaux. A má vontade de Ribeiro para com as obras do projetista francês era realmente acintosa e logo adiante faz Lenita dizer:

"A academia foi reformada.  
Talves eu não tenha razão; mas o caso é que eu a preferia exteriormente como ela outrora [...] Hoje não representa coisa nenhuma tem aparência limpa, mas desgraciosa e até caturra."<sup>8</sup>

Após ter-se desligado do serviço público, Stevaux procurou receber, em fins de 1885, na condição de fornecedor, o pagamento referente a um serviço do qual fora encarregado verbalmente pelo ex-presidente Almeida Couto. Constava de trabalhos complementares para a escada externa do paço governamental, das peças principais do pórtico, talhadas em mármore verde, e das peças relativas aos capitéis jônicos, à arquitrave e à soleira, lavradas sem dúvida em mármore branco. Segundo o engenheiro Freire (Carlos Americano Freire, que assumiu no lugar de Stevaux a direção de obras), o executado correspondia amplamente à despesa feita; alertava contudo que embora as peças já se achassem depositadas no barracão fronteiro ao palácio, não constava da repartição autorização para esses serviços, cuja despesa, aliás, pertencia ao governo geral e não ao provincial. É possível que Stevaux não tenha sido pago integralmente por essas peças de cantaria, já que segundo Raffard os fustes das colunas do peristilo, que deveriam ser de mármore verde, acabaram sendo feitos de tijolos por medida de economia<sup>9</sup>.

## A Importância da Atuação Profissional de Eusébio Stevaux

Stevaux engajou-se no serviço da Diretoria Geral de Obras Públicas num momento em que eram necessários engenheiros hábeis no trato da arquitetura que fornecessem projetos com um padrão mínimo de qualidade para os novos edifícios governamentais.

(7) RIBEIRO, Júlio. *A carne*. Rio de Janeiro: Tecnoprint: [198\_], p.143.

(8) Id., *ibid.* p.143 e 144.

(9) RAFFARD, Henrique. *Alguns dias na Paulicéia*. São Paulo: Bibl. Academia Paulista de Letras, 1977, p.17.

A Diretoria de Obras Públicas fora reorganizada havia pouco (1876) e o presidente da província, Dr. Sebastião José Pereira, estava decidido a afastar definitivamente a incompetência e a desordem deste ramo de administração pública. Em seu relatório, apresentado à Assembléia Provincial em fevereiro de 1877<sup>10</sup>, comunica que nomeou Stevaux para engenheiro-chefe do 2º distrito de Obras Públicas, baseado nas habilidades suficientemente comprovadas do profissional, aludindo assim a uma fase da vida de Eusébio sobre a qual infelizmente quase nada sabemos (1871-1877). Além do presidente da província, Stevaux deve ter impressionado muito favoravelmente o inspetor geral de Obras Públicas então recém-formado, o Dr. Elias Fausto Pacheco Jordão, jovem ituano doutorado em Cornell (Ithaca, N.Y., EUA) apenas 2 anos antes de assumir tão importante cargo por ele ocupado de 1876 a 1880.

Naquele mesmo ano de 1877 Stevaux seria designado por Jordão para reformar a Casa de Câmara e Cadeia da capital, transformando-a na sede do Congresso Provincial. Se foi chamado para desempenhar uma tarefa de tal responsabilidade fora do distrito pelo qual respondia – e isso se repetiria por diversas vezes até 1882 quando passou para a chefia do distrito que incluía a capital – é porque aos olhos dos contemporâneos possuía reais pendores para a arquitetura, e não só grande competência para desenvolver os mais diferentes trabalhos de engenharia.

Num tempo em que os nomes dos autores dos planos arquitetônicos constituem quase sempre um insondável mistério, o seu vem claramente expresso pelo presidente da província no relatório com que passou a administração pública ao sucessor, em 1878. Fato que revela o alto conceito em que era tido esse profissional, sobretudo por seu superior hierárquico, o inspetor geral de Obras Públicas, que, formado nos EUA, devia estar cômico de que a valorização profissional da categoria a que pertencia passava necessariamente pela divulgação da autoria de trabalhos de engenharia e também de projetos de arquitetura.

As obras ulteriores de Eusébio Stevaux, no entanto, já seguem a norma geral. Com exceção de dois casos (o projeto da Tesouraria de Fazenda e os planos de reforma da Hospedaria dos Imigrantes no Bom Retiro), não encontramos mais nenhuma atribuição explícita nos documentos oficiais. Foi necessário recorrer – e devemos salientar isso – à análise arquitetônica e à coleta de provas circunstanciais para fazer a atribuição de autoria. De 1877 a 1885 é Stevaux quem monopoliza o campo da arquitetura oficial na capital, estamos convencidos disto, e esse lapso de tempo constitui uma clara transição entre a fase do empirismo, da improvisação, da incompetência e do anonimato que ronda as obras arquitetônicas em geral e a fase subsequente, triunfalmente inaugurada com a presença do engenheiro-arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, que passará, graças à sua aptidão, dinamismo e liderança, e sem dúvida ótimo relacionamento social, a dominar 40 anos de arquitetura paulista.

Stevaux surge no cenário paulistano num momento muito estimulante da vida da cidade. O sistema construtivo de tijolos já estava solidamente enraizado e a mão-de-obra livre, quer fosse ela de origem lusa, germânica, italiana e mesmo francesa – esta última atuante, como descobrimos, sobretudo no Palácio do Governo, atraída decerto pelo autor e responsável técnico que era dessa nacionalidade –, tinha plenas condições de realizar com bom nível artesanal as primeiras experiências da arquitetura eclética que então ocorriam em São Paulo. Por outro lado, a burguesia emergente, passando por um rápido processo de mudança cultural, começava a se preocupar com a reorganização da capital, de acordo com seus novos valores e interesses. Autoconfiante, pretendia transplantar

(10) PEREIRA, Sebastião José. Presidente. *Relatório apresentado... pelo Presidente da província... em Fevereiro de 1877*. São Paulo: Typ. do "Diário" 1877. p.36.

para aí os mais admiráveis modelos arquitetônicos e urbanísticos existentes nas grandes capitais estrangeiras. O governo da província começava a ter recursos para isso, mas não dispunha até então, dentro da Diretoria de Obras Públicas, de profissionais capazes de se portar à altura de tal encargo. A maior virtude de Stevaux foi, sem dúvida, a de corresponder plenamente, naquele instante, às expectativas dessa burguesia, que, ainda de gosto inculto, e sem as facilidades materiais proporcionadas pelos primeiros anos da República, se contentava com resultados um tanto canhestros.

Ao abandonar as obras oficiais, em 1885, Stevaux agiu oportunamente, pois deixou uma lacuna que veio a ser ocupada um ano mais tarde por Ramos de Azevedo. Este, já muito conhecido em Campinas e trazido daí pelas mãos do barão do Parnaíba, o presidente da província da ocasião (1886) iria recomençar em novas bases um edifício paralisado de autoria de seu antecessor, a sede da Tesouraria de Fazenda, obra que graças ao talento do novo arquiteto se converteria num marco da arquitetura oficial da cidade de São Paulo.

É incontestável que Stevaux foi o único a se prejudicar com o seu gesto, porquanto a fama de Ramos de Azevedo cresceria tanto que conseguiria relegar para a total obscuridade o nome desse engenheiro francês, cuja relevante atividade profissional buscamos evocar neste artigo.

Podemos afirmar, concluindo, que se Stevaux tem seu lugar assegurado na história da arquitetura paulistana, este lugar não é diretamente proporcional a seu talento (pois facilmente se verifica que era limitado), mas sim, diretamente proporcional ao que representaram em nível simbólico suas obras para as classes dirigentes, que por intermédio do governo as encomendavam. A importância de Stevaux fundamenta-se no fato de que, mais que simples antecessor, foi o verdadeiro precursor de Ramos de Azevedo no âmbito da arquitetura oficial, correspondendo a sua atuação profissional a uma etapa intermediária no processo de reformulação ideológica e de refinamento do gosto das elites, que tinham como meta final a sua completa europeização.

## Bibliografia

- DEPARTAMENTO DE ARQUIVO DO ESTADO. OBRAS PÚBLICAS. *Ordem 5.187. Offício de Eusébio Stevaux ao presidente da Província*. 24 de maio de 1882.
- DINIZ, Firma de Albuquerque (JUNIUS). *Notas de viagem*. São Paulo: Governo do Estado, 1978.
- PEREIRA, Sebastião José. Presidente. *Relatório apresentado... pelo Presidente da província... em fevereiro de 1877*. São Paulo: Typ. do "Diário" 1877.
- PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900*. ed. fac-similar. São Paulo: Governo do Estado, 1979.
- RAFFARD, Henrique. *Alguns dias na Paulicéia*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1977.
- RIBEIRO, José Jacinto. *Chronologia paulista*. São Paulo: Diário Oficial, 1898-1901. 2v. em 3 v. 2. p. 1.
- RIBEIRO, Júlio. *A carne*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [198\_].
- TRÊS RIOS. Conde. Vice-Presidente. *Relatório dirigido à Assembléia Legislativa Provincial... e apresentado... pelo 4º Vice-Presidente... Moura e Costa*. Santos: Typ. do Diário de Santos, 1882.